

MaNews

"Tudo que é sagrado para o povo judeu, D-us fez questão de confiar as mulheres judias, para preservar e desenvolver: estabelecer e educar uma geração para que sejam justos e corretos, a cashrut do alimento e a sublime pureza da santidade do Shabat. A mulher que cumpre sua obrigação e destino na vida familiar, na condução da casa e na educação de acordo com a Torá, sobre ela diz o versículo: 'A sabedoria das mulheres constroi seu lar' ". **Rebi**

A dor que nos fortalece



Certamente tudo que D'us faz é para o bem, mas quando não vemos o bem, nossa reação natural é ficar triste ou deprimido. Como podemos nos fortalecer com o sofrimento?

Esta é uma pergunta difícil de responder, especialmente em nossa época de exílio, quando não podemos realmente entender o poder ou o porquê do sofrimento, frustração, tristeza, dificuldades e perdas. Foi-nos prometido que na Era da Redenção, D'us enxugará todas as nossas lágrimas e eliminará a fonte de nosso sofrimento. Além disso, não somente D'us eliminará estas lágrimas, como ao fazê-lo, Ele nos fará entender como as lágrimas e sofrimento foram em nosso benefício.

Mas a gente se pega perguntando; como algo tão negativo pode ser em nosso benefício? Isso pode acontecer em dois níveis – no primeiro conseguimos entender que o sofrimento esteve ali para nosso benefício, pois o resultado daquilo foi algo positivo, embora o sofrimento em si fosse difícil de tolerar. Isso nos foi prometido que acontecerá. Entenderemos como a dificuldade e o sofrimento do Galut e todo o sofrimento pessoal e coletivo tiveram um resultado positivo. Porém num nível mais profundo, D'us também promete eliminar a fonte do nosso sofrimento, para que não apenas percebamos que foi doloroso mas para nosso benefício, como o sofrimento em si será na verdade visto como algo bom (não somente para um resultado futuro). Obviamente, este nível está completamente além de nós, agora, neste ponto, no exílio. Não podemos entender como a dor, o sofrimento ou a frustração podem essencialmente ser algo bom.

Quando alguém está sofrendo, isso com frequência cria um forte relacionamento entre ele e D'us. É nestes momentos de dificuldade ou dor que clamamos ao nosso Criador e muitas vezes (talvez estranhamente) sentimos Sua presença tão fortemente em nossa vida. Portanto quando as coisas estão correndo bem, quase nos "esquecemos" de D'us e aceitamos nossa vida e as bênçãos como algo a que temos direito. Porém no sofrimento, somos forçados a perceber como somos dependentes do nosso Criador e isso pode fortalecer nosso relacionamento com Ele.

Da mesma forma, quando estamos sofrendo, somos forçados a olhar para uma perspectiva de vida mais ampla. Somos obrigados a ver frustrações pequenas ou irrelevantes naquele contexto, de serem pequenas e irrelevantes. Somos forçados a não aceitar todas as coisas como garantidas e a valorizarmos mais aquilo que temos, porque percebemos quão facilmente o "normal" pode ser retorcido e se tornar anormal. Somos forçados a sentir gratidão pelas coisas "grandes" e importantes em nossa vida, como nossa família, saúde e o fato de termos amigos, ou outras bênçãos.

Além disso, quando estamos sofrendo ou passando por uma dificuldade, embora seja horrível, se pudermos sobreviver àquela crise específica, com frequência encontramos dentro de nós mesmos uma fonte de força que jamais pensáramos existir. Desafios, infelizmente, nos fortalecem e nos torna indivíduos melhores e frequentemente mais sábios.

Obviamente, não desejamos dor e sofrimento e espero que estas idéias não soem presunçosas ou indiferentes ao sofrimento de ninguém. Porém talvez estes pensamentos ajudem em momentos de dificuldade.

Que todos nós possamos vivenciar o período em que lágrimas ou sofrimento serão totalmente apagados.

Perguntas & Respostas

Qual é a origem dos nomes dos meses?

Se você olhar na Torá, verá que os meses hebraicos não têm nomes. Em vez de nomes, têm números, contando a partir do mês de Nissan, que é descrito como "o primeiro mês" (Shemot 12:2).

Os nomes populares que usamos hoje em dia são de origem babilônica, adaptados pelos judeus em alguma época durante o Exílio na Babilônia, cerca de 400 antes da Era Comum.

Ironicamente, alguns destes são nomes de ídolos da Babilônia. Por exemplo, o mês de Tamuz (o quarto mês) é o nome de um ídolo que parecia (através de ilusão de ótica) como se estivesse chorando. Isso foi conseguido colocando-se chumbo mole no interior de seus olhos, e acendendo-se um pequeno fogo lá dentro, que derretia o chumbo. Isso explica a referência em Yechezkel 8:14: "Havia mulheres sentadas, fazendo o Tamuz chorar."

Há outras opiniões talmúdicas sobre o nome deste mês. Maimônides afirma que Tamuz foi um falso profeta que morreu no primeiro dia do mês. Como muitos pagãos comemoram o dia de sua morte, o mês inteiro tornou-se conhecido por aquele nome.

Rashi diz que o nome Tamuz é uma palavra aramaica que quer dizer "calor", pois este é um mês quente de verão (no Hemisfério norte) - veja Daniel 3:19.

Outro ponto interessante: Tamuz-17 era o nome do reator nuclear iraquiano destruído por Israel em 1981. Foi denominado assim porque 17 de Tamuz é o dia em que as muralhas de Jerusalém foram rompidas por Nabucodonosor (Nevuchadnezzar) antes da destruição do Primeiro Templo, e Saddam Hussein é famoso por gabar-se de ser o herdeiro da dinastia destronada de Nabucodonosor.

De qualquer forma, o nome Tamuz não significa exclusivamente um ídolo, portanto isto não nos impede a usar este nome.

Vida Judaica >>>

Rabino Raphael Benchimol, o rabino da Congregação Sefardita de Manhattan foi decorado, com o Cavaleiro da Ordem do Trono do Rei Mohammed VI de Marrocos por sua dedicação para com a comunidade marroquina. "Eu nasci em Rabat, Marrocos em 1966 e frequentei a escola judaica Talmud Torah em Rabat até 8 anos de idade." Naquela época, com sua família imigrou eu para os Estados Unidos e se estabeleceu em Miami, Florida.

Por firme desejo dos pais de que os seus filhos continuem a frequentar a escola hebraica, eles os matriculados na Yeshiva Chabad em Miami. Lá, o rabino Benchimol destacou-se em estudos e o amor pela Torá, que o fez seguir o campo rabínico. Ao concluir o secundário, ele frequentou diversas escolas rabínicas conhecidas e recebeu o diploma rabínico finalmente em dezembro de 1988 pela Central Yeshiva Tomchei Temimim, o seminário Lubavitch no 770 Eastern Parkway, Brooklyn, NY. Ele seguiu seus estudos e recebeu diploma de Dayanut, juiz para o Tribunal judaico, no início de 1990. Apesar rigorosa carga horária de estudo exigida, Benchimol fazia tempo para participar em várias



atividades e programas em prol do ensino do judaísmo, incluindo uma aula semanal de Parasha que ministrava no Upper East Side de Manhattan aos futuros fundadores do Manhattan Sephardic Center. Durante o curso das aulas, eles formaram um vínculo forte e o Rabino Benchimol foi convidado para ser seu rabino. Ele tinha 23 anos.

O embaixador do Rei de Marrocos, Serge Berdugo, destacou a importância da cerimônia, acrescentando que "este reconhecimento constitucional da presença judaica na identidade marroquina merece ser louvado."

Elogiando o rabino Benchimol por sua devoção à comunidade judaica marroquina, reabilitação e renovação dos cemitérios judaicos e locais sagrados em Marrocos, Berdugo então presenteou a medalha ao rabino marroquino.

sagrados em Marrocos, Berdugo então presenteou a medalha ao rabino marroquino.

"É um verdadeiro prazer e uma ocasião maravilhosa para homenagear um homem de convicção e ação, de conhecimento de estudo, um homem ao serviço da sua comunidade, um homem de fiel apoio a Marrocos e um amigo. Judeus marroquinos, mesmo depois de sair do país, retem apego e amor por Marrocos, como foi confirmado pelas belas palavras do falecido Yitzchak Rabin: "judeus marroquinos são os únicos judeus que nunca renunciaram seu país, nem eles foram rejeitados por seu país", Berdugo concluiu.

Rabino Benchimol, em nome da Congregação Sefaradita de Manhattan, presenteou uma coroa de prata - o tipo tipicamente usado para enfeitar o rolo da Torá nas sinagogas - para o Rei de Marrocos. A inscrição no embrulho foi pessoalmente endereçada à Sua Majestade, o rei Mohammed VI de Marrocos, e levou a bênção: "Que D-us cuide de você e sempre te proteja." Dirigindo-se à multidão, o rabino Benchimol falou da importância da educação cultural, para ensinar a próxima geração - crianças que não nasceram em Marrocos - sobre seu "passado ilustre e glorioso", acrescentando, "mesmo que deixamos o Marrocos, Marrocos nunca nos deixou. Está profundamente gravado em nossos corações."

Uma vez ...

Ibrahim e Rafael tinham sido parceiros nos negócios por muitos anos. Ibrahim, que vivia na cidade tunisiana de Kairoan, onde o solo era excelente e o preço dos produtos baixo, era o fornecedor atacadista de trigo e cevada para Rafael. Este então revendia o cereal em sua cidade de Túnis, já que em Kairoan era proibida a entrada de judeus.

Embora Ibrahim fosse aparentemente agradável e educado para com Rafael, por dentro ressentia-se de seu sucesso. Certo dia, Ibrahim apareceu com um plano. "Estou ficando muito velho para este negócio" – disse a Rafael. "Por que você não vai a Kairoan e compra você mesmo o cereal? Eu lhe direi aonde ir e o apresentarei às pessoas certas."

Rafael contemplou com surpresa o parceiro. "Mas você sabe que é proibido para um judeu pôr o pé em Kairoan..." "Bobagem!" Ibrahim assegurou-lhe com um gesto da mão. "Você fala árabe fluentemente. Se vestir-se como um de nós, ninguém jamais saberá que é judeu." Num passado não muito distante, Kairoan tinha sido um centro agitado de vida judaica. Com seu solo fértil e infra estrutura comercial bem desenvolvida, a cidade fora um posto importante ao longo da rota de comércio norte africana. Na verdade, houvera tantos mercadores judeus em Kairoan que eles tinham formado a espinha dorsal da economia da cidade. Os árabes chegaram a criar uma frase irônica a esse respeito:

"Uma praça de mercado sem judeus é como um juiz sem testemunhas..." Aos poucos, no entanto, os muçulmanos tinham começado a tornar a vida difícil para seus vizinhos judeus. Muitos judeus simplesmente abandonaram suas casas e lojas, para estabelecer-se noutro local. Porém, nem mesmo isso foi suficiente; eles declararam Kairoan uma cidade 'sagrada' e proibida a qualquer judeu. A lei já perdurava por várias gerações.

Apesar de algumas apreensões, Rafael concordou com o plano. Vestiu-se como árabe e passou, fingindo indiferença, pelos portões de Kairoan. Ibrahim apressou-se a levar o judeu até uma estreita viela sem saída. "Fique aqui. Volto logo" – disse-lhe Ibrahim. Poucos minutos depois, voltou com dois policiais. Ali está ele, o judeu desprezível que ousou pisar em nossa cidade sagrada!" gritou ele, apontando para Rafael. Quando Rafael se deu conta que seu amigo o tinha traído, suas mãos e pés já estavam acorrentados. Os policiais o atiraram numa cela sombria.

Durante três noites e três dias, Rafael mofou em sua cela sem que ninguém aparecesse para ver se estava vivo. Felizmente, ainda tinha consigo sua mochila, e pôde comer alguns alimentos que trazia.

A sua quarta noite na prisão era Shabat. Depois de fazer kidush sobre o último pedaço de pão, Rafael começou a entoar zemirot, as tradicionais canções do Shabat. Lágrimas rolavam por suas faces, ao pensar em tempos e circunstâncias mais felizes.

Quando terminou de cantar, começou a recitar os Salmos, que sabia de cor. De repente, houve um som farfalhante vindo da porta de entrada. Rafael prendeu a respiração, assustado demais para respirar. Um minuto depois, pôde discernir uma estreita faixa de luz ao lado do aposento. Quando foi até lá para investigar, descobriu que a porta estava um pouco aberta. Com um leve empurrão, abriu-se totalmente.

O coração aos pulos, Rafael esgueirou-se para fora e começou a correr o mais rápido que podia, passando pelas ruas escuras. Quando, porém, lembrou-se que estava vestido como árabe, diminuiu o passo para não despertar suspeitas. Na manhã seguinte, estava de novo em casa, na cidade de Túnis.

Rafael sabia que sua vida ainda corria perigo; a polícia com certeza viria atrás dele ao perceber que tinha escapado. Decidiu aconselhar-se com o Rebe Yeshua Bassis de Túnis. "Volte para casa e espere lá" – o Rebe tranquilizou-o. "Tudo dará certo."

Ora, naquela época o governante da Tunísia era Chamuda Pasha, um líder sábio e equilibrado que não dava atenção à provocação dos muçulmanos contra os judeus. Pelo contrário, era grato pela contribuição dos judeus à sociedade, e considerava Rabi Yeshua seu amigo pessoal.

Quando Rabi Yeshua contou a Pasha o que tinha acontecido com Rafael, ele emitiu imediatamente uma ordem para que "o judeu rebelde que ousara entrar em Kairoan" fosse levado até ele.

Poucos dias depois, a polícia foi forçada a admitir a derrota. Constrangidos por sua incompetência, foram até o Pasha de mãos vazias. Naquele mesmo instante o Pasha mandou buscar Rafael, que esperava na sala ao lado. O Pasha declarou a sua chocada audiência "D'us fez um milagre e libertou-o da prisão. Sem dúvida, foi também um sinal de que Ele deseja que os judeus retornem a Kairoan..." O decreto contra os judeus foi rescindido, e nunca mais os judeus da Tunísia sofreram restrições quanto ao lugar em que teriam de viver.

Acendimento das Velas:

Manaus
17:49
18:39

Rio de Janeiro
17:40
18:32

S. Paulo
17:53
18:45

Em mérito de
Shalom Mordechai
Rubashkin

Envie suas perguntas e comentários para MaNews@ymail.com